

# O TEMPO COMO DRAMÁTICA NO MUNDO DO TRABALHO DE JOVENS JORNALISTAS

TIME AS DRAMATIC IN THE WORLD OF WORK OF YOUNG JOURNALISTS

EL TIEMPO COMO DRAMÁTICA EN EL MUNDO LABORAL DE LOS JÓVENES PERIODISTAS

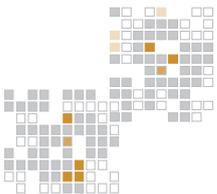
**Naiana Rodrigues Silva**

■ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escolas de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

■ *Doctoranda en Ciencias de la Comunicación por la Facultad de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (USP) y profesora de Periodismo en la Universidad Federal de Ceará (UFC).*

■ E-mail: [naianarodrigues@gmail.com](mailto:naianarodrigues@gmail.com)

181



## RESUMO

O objetivo do artigo é mostrar como o tempo está em disputa no mundo do trabalho do jornalismo e se tornou um signo de precarização. Para tanto, são analisadas as comunicações sobre o trabalho de seis jovens jornalistas que atuam em um mercado de mídia brasileiro. Sob a perspectiva ergológica que integra os estudos em comunicação e trabalho (Fígaro, 2008) e tendo o conceito de dramática do uso de si por si mesmo e de si pelos outros (Schwartz, Durrive, 2007), investigamos como as determinações do sistema produtivo incidem nas singularidades de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** TEMPO; DRAMÁTICAS; JOVENS JORNALISTAS; MUNDO DO TRABALHO.

## ABSTRACT

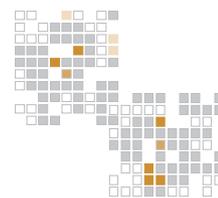
The objective of the article is to show how time is in dispute in the world of journalism and became a sign of precariousness. To this end, communications about the work of six young journalists who work in a Brazilian media market. From the ergological perspective that integrates studies in communication and work (Fígaro, 2008), having the dramatic concept of the use of oneself and of self for others (Schwartz, Durrive, 2007) we investigate how the determinations of the production system affect the singularities of work.

**KEY WORDS:** TIME; DRAMATIC CONCEPT; YOUNG JOURNALISTS; WORLD OF WORK.

## RESUMEN

El objetivo del artículo es mostrar cómo el tiempo es en disputa en el mundo del periodismo y es un signo de precariedad. Para ello, se analizan comunicaciones sobre el trabajo de seis jóvenes periodistas que actúan en un mercado mediático brasileño. Desde la perspectiva ergológica que integra los estudios en comunicación y trabajo (Fígaro, 2008), teniendo el concepto de dramática del uso de uno mismo y de uno mismo para los demás (Schwartz, Durrive, 2007), investigamos cómo las determinaciones del sistema de producción afectan las singularidades del trabajo.

**PALABRAS CLAVE:** TIEMPO; DRAMÁTICA; JÓVENES PERIODISTAS; MUNDO DEL TRABAJO.



## 1. Sobre o tempo

**N**orma para o trabalho no capitalismo, o tempo gera estabilidade e inquietude ao juízo humano e sempre foi objeto de fascínio para matemáticos, físicos, filósofos e romancistas. Enquanto isso, o humano ordinário duela dia e noite com as contradições advindas de uma experiência vicária que transcorre em um ritmo descompassado, mais acelerada que o *tic tac* dos relógios e tão dilatada no espaço a ponto de provocar náuseas em quem se dá conta de que a vida está escapando pelos interstícios de um tempo gasto excessivamente com as tecnologias.

Para Pelletier (2001), vivencia-se na atualidade a quebra da lógica do tempo de *chronos* e a emergência do tempo de *kairos*.

*Chronos é o tempo programado, o tempo linear, o tempo repetitivo, aquele que faz o dia, que faz a noite, que faz as estações do ano. É, de qualquer maneira, um tempo muito previsível e que funda o calendário, pois Chronos nos permite ter compromissos, organizar nossa agenda, dividir nossa semana em trabalho e em lazer. É a Chronos que se faz referência quando se fala atualmente de gestão de tempo e de alcance de metas* (Pelletier, 2001, p. 2)<sup>1</sup>.

O tempo de *kairos* é o da instantaneidade, do vivido, do inédito, daquilo que não se pode controlar. Sob a égide do tempo cronológico, o sujeito age de forma planejada, projetando-se no futuro a partir do presente; já a vivência da temporalidade de *kairos* evoca o aqui e agora de uma ação sem a previsão de repetição. Essas temporalidades alternam-se nas experiências humanas e não são excludentes, contudo, o fato de as vivências contemporâneas se darem com

mais frequência no registro de *kairos* desencadeia o sentimento de ruptura, de incerteza e de insegurança.

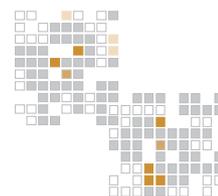
O tempo é um elemento imprescindível para a racionalização e ordenamento da vida dos sujeitos e do sistema capitalista, sendo importante para se compreender as mudanças sociais. No jornalismo, é um valor mandatário no modo de produção e veiculação de notícias, constituindo um verdadeiro algoz para os que se digladiam com o dilema da profundidade da cobertura dos fatos *versus* a celeridade da veiculação das notícias.

A temporalidade dominante no jornalismo é o presente, visível nas normas que regem a profissão sob a alcunha da atualidade. O relevo do tempo na cultura jornalística é tal que o jornalista é descrito como dotado de uma cronamentalidade (Traquina, 2005, p. 40). No entanto, o custo dessa racionalidade temporal é alto, pois a sujeição ao tempo traz em seu bojo a experimentação contínua de mudanças, já que a temporalidade vigente impõe uma dinâmica célere para a sociedade.

Influenciado pela digitalização das experiências humanas, o jornalismo deixa de se orientar pelos parâmetros industriais fordistas de tempo cronológico, sendo um devoto da fragmentação e aceleração do tempo do capital flexível (Antunes, 1999). Daí não ser mais possível considerar a periodicidade uma prescrição para o trabalho, pois está ancorada no sentido de tempo moderno e na razão cronológica.

*A aceleração do tempo e a desespacialização, gerados pelo online, criam a sensação do eterno presente conectado. O jornalismo entra nessa dimensão pela porta do regime de publicação, as marcas de interrupção da periodização não são mais necessárias, as informações são reportadas nesse fluxo constante de postagens, atualizações, republicações, links e circulação por meio de diferentes dispositivos.* (Fígaro et al., 2021, p. 275).

<sup>1</sup> Tradução de Marcelo Afonso Ribeiro, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.



O conceito de regime de publicação adere melhor à prática jornalística com dispositivos comunicacionais digitais pois é aberto, maleável, dando margem para negociações de prazos entre a produção e a circulação. Além disso, é um conceito que tem um tom dialético, porque envolve o tempo da singularidade da ação do trabalhador em consonância ou discordância com o tempo da indústria.

O trabalho jornalístico pode se dar em ritmos diferentes, ora atendendo aos preceitos cronológicos, ora aos ditames da ação e da instantaneidade, interferindo assim na noção de rotina, tão cara ao jornalismo e à própria modernidade, que deixa de estar ancorada na ideia de sucessão de acontecimentos para a de simultaneidade de ações. Isso coloca em xeque a segurança garantida pela previsibilidade do cotidiano, sujeitando o trabalhador a mais imprevistos, a mais mudanças laborais.

## 2. Uma mirada teórica e metodológica sobre o trabalho jornalístico

Para os ergologistas<sup>2</sup>, o conceito de trabalho se confunde com o de atividade humana, a qual consiste na capacidade de transformar a natureza em meio humano e para tal implica na aplicação de saberes, orientados por valores, com vistas a uma finalidade específica, mobilizando assim criação, planejamento, aprendizado e memória. Apesar de a Ergologia reconhecer a autonomia do humano na realização das atividades de trabalho, também atenta para as limitações que a envolvem, entre as quais estão as normas antecedentes, ou seja, as leis, as regras, a história das técnicas, os procedimentos, os constrangimentos e as autoridades envolvidas na realização da atividade de trabalho (Schwartz; Durrive, 2007). Daí o

trabalho ser marcado por um debate de normas que evidencia a existência de uma distância entre o que está prescrito e o que é realizado, entre as normas antecedentes e o trabalho real.

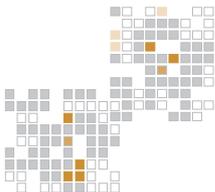
Essa é uma das premissas basilares da Ergologia, de que o trabalho concreto e real não é uma fiel reprodução das normas antecedentes, pois a singularidade, ou seja, a assimilação das normas pelo corpo-si<sup>3</sup>, se dá de acordo com o tempo e o espaço em que ele acontece e das condições ali disponíveis para que os objetivos do trabalho sejam alcançados. Quer dizer, o trabalhador tem a capacidade de escolher como agir e, ao fazer isso, ele “renormaliza” a atividade laboral por meio de sua racionalidade, gerindo o trabalho ou fazendo uso de si e dos outros (Schwartz; Durrive, 2007).

O uso de si pode ser compreendido como imposições que nos imputamos em razão de escolhas que fazemos ao nos depararmos com as normas antecedentes. O “uso de si” está no cerne das dramáticas do uso de si por si mesmo e de si pelos outros, ou seja, um momento em que a história coletiva (das normas, dos manuais, das técnicas, da organização, da categoria profissional e da sociedade) encontra-se com a história singular do trabalhador, originando um evento de trabalho único. As dramáticas dos usos de si por si mesmo e de si pelos outros expressam a dialética entre as normas e o real do trabalho, entre a autoridade e a autonomia, entre a história e o sujeito.

Diante disso, identificar as dramáticas do uso de si por si mesmo e de si pelos outros relativas ao tempo é uma maneira de compreender as mudanças singulares que se processam no mundo do trabalho e se elas contribuem para ampliar a precarização laboral ou se

2 A Ergologia é uma abordagem de pesquisa desenvolvida na França, na virada produtiva dos anos 1980, que se dedica a investigar as atividades micro de trabalho.

3 Yves Schwartz forjou o conceito de corpo-si em substituição ao de sujeito com o intuito de acentuar o investimento do corpo e da mente, do físico e do subjetivo na realização de toda atividade de trabalho.



garantem mais autonomia e criatividade para os trabalhadores da notícia. Para tanto, escolheu-se aqui se debruçar sobre as atividades de trabalho de jovens jornalistas a partir da ótica do binômio comunicação e trabalho.

A discussão sobre comunicação e trabalho ampara-se no materialismo histórico, na Ergologia e nos Estudos de Linguagem, com o objetivo de conhecer a atividade e as relações de comunicação no trabalho. Nesta abordagem, a comunicação está ontologicamente lado a lado do trabalho, sendo condição *sine qua non* para a constituição social do humano (Fíguro, 2008). É pela via da comunicação e da linguagem que se pode ter acesso ao mundo do trabalho e produzir conhecimento sobre ele, afinal, a palavra é materialidade das transformações sociais (Orlandi, 2001) e, conseqüentemente, das mudanças que incidem sobre o trabalho, sendo uma forma de acesso ao mundo laboral e ao que ele representa para os trabalhadores.

Consideramos que os discursos sobre o trabalho de jovens jornalistas vocalizam suas práticas – e, conseqüentemente, as dramáticas que experimentam na realização do trabalho. É a dialética entre determinação e autonomia, tendo o tempo como elemento de disputa, que esperamos desvelar por meio da análise dos discursos de jovens profissionais localizados na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, no Nordeste brasileiro<sup>4</sup>.

Empiricamente, os jovens jornalistas estão na linha de frente da profissão, pois representam 29% da população de profissionais identificados pelo Perfil do Jornalista Brasileiro 2021<sup>5</sup> e são

preferidos para contratação pelas empresas dada sua suscetibilidade à gestão dos outros em razão da inexperiência ou da busca por reconhecimento. Pode-se acrescentar ainda que eles têm uma predisposição para o trabalho sob o registro de kairös, identificado com a multitarefa, uma característica desejável para os trabalhadores no sistema de acumulação flexível (Antunes, 2018).

Esse público integra o universo de participantes da pesquisa de doutorado da autora<sup>6</sup>, composto por 202 egressos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará formados de 2014 a 2018. A amostra foi construída a partir da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Foram obtidas 131 respostas, que propiciaram a construção de um perfil sociolaboral destes jovens. A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas com 13 jornalistas<sup>7</sup>, as quais revelaram os catalisadores das dramáticas do uso de si por si mesmo e de si pelos outros, das quais destacamos, neste artigo, o tempo como motor de dilemas na rotina laboral.

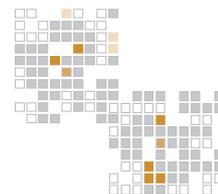
Para analisar os dados provenientes das entrevistas dos jovens jornalistas, tanto neste artigo quanto na tese, nos valem da Análise do Discurso, corrente teórica e metodológica que adere aos intentos do binômio comunicação e trabalho, pois viabiliza a compreensão das práticas dos sujeitos e tomadas de posição que realizam ao se implicarem discursivamente (Fiorin, 1998; Orlandi, 2001). Em termos operacionais, ancoramos a seleção das sequências verbais que deram origem ao nosso *corpus* discursivo em três conceitos: a falta, o excesso e o estranhamento. Sobre esses conceitos operacionais, Ernst-Pereira

4 Fortaleza é a quarta capital mais populosa do Brasil (IBGE, 2022), contudo, está situada em uma das regiões do Brasil que apresenta o maior número de desertos de notícias, ou seja, lugares sem cobertura jornalística (Atlas da Notícia, 2023). Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v6/desertos-de-noticias-e-as-novas-fronteiras-do-jornalismo-no-nordeste/>. Acesso em: 14 set. 2024.

5 Dos 6.650 respondentes da pesquisa, 29% deles têm entre 18 e 30 anos (Lima et al., 2021).

6 A pesquisa intitulada “As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais” foi realizada no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo e defendida em 2022.

7 Para a pesquisa, foram considerados jovens profissionais aqueles com menos de 10 anos de carreira.



e Mutti (2011, p. 827) observam que:

*Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do corpus. Esse parece ser o rumo tomado por vários analistas em AD.*

### 3. Como se dá a gestão do tempo nas atividades de trabalho de jovens jornalistas

Os jovens se sentem pressionados pela vigência da lógica da simultaneidade de ações que, combinada com a polivalência característica de trabalhadores intelectualizados, os impede de fazer um trabalho com qualidade e excelência. É o que diz o jornalista 1, profissional de 23 anos<sup>8</sup> que atua em uma emissora de televisão escrevendo roteiros e apresentando programas de rádio e TV:

*Às vezes, eu chego e eu não tenho tempo... eu chego lá só pra realmente APRESENTAR o jornal, certo? [...] Eu não tenho tempo de ler nada, eu não tenho tempo de me aprofundar... Eu não tenho tempo de confirmar se aquilo que eu tô lendo é uma cabeça e tá certo [...] porque o pessoal lá às vezes me chama pra gravar esse off aqui pra esse spot que vai sair na programação daqui a pouco; “faz aqui esse programa, essa entrevista aqui porque a gente tá com equipe reduzida”. (Jornalista 1, 2021).*

A expressão “Eu não tenho tempo” se repete, denotando o excesso de atividades que torna o tempo uma variável exígua, sendo a qualidade

o que está ausente, faltando no enunciado e no próprio mundo do trabalho dos jornalistas. Se o verbo ter, no sistema capitalista, demarca um modo de ser dos humanos, cuja existência se legitima pela posse de mercadorias, de bens, e levando-se em consideração que o tempo é um bem para a sociedade capitalista e uma matéria-prima da mercadoria força de trabalho, o que esse jornalista afirma ao enfatizar que não tem tempo é que ele ocupa uma posição de sujeito pobre no discurso e no próprio sistema produtivo.

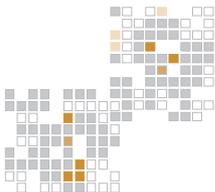
Considerando-se que a mais-valia – o lucro do capitalista – já começa a ser produzida no processo produtivo com a negociação do tempo social de trabalho (Marx, 2014), então, o enunciado “eu não tenho tempo” é uma constatação do trabalhador de que ele não tem o que barganhar com o capitalista, de que todo o seu tempo, sua capacidade produtiva se exauriu, e isso o torna um trabalhador sem recursos, cuja força de trabalho está empobrecida pela falta de tempo.

O tempo dividido entre a realização de diferentes tarefas impede que o jornalista 1 pratique um jornalismo ideal, pois não lhe permite se aprofundar nas ações próprias de seu cargo de apresentador de TV. A ênfase enunciativa na palavra “apresentar”, identificada aqui pela escrita em maiúsculo<sup>9</sup>, revela o tom de indignação do jornalista diante dessa realidade que não lhe permite se implicar completamente no trabalho em razão da gestão de si pelos outros, que o desloca para outras funções. Uma gestão que emerge da sua fala como abstrata, anônima, identificada como “o pessoal”, um pronome impessoal que não nos diz se se trata de jornalistas, mas informa que é uma gestão despreocupada com a qualidade do seu trabalho.

Ter tempo para realizar as tarefas jornalísticas

9 Durante as transcrições das entrevistas, palavras e frases ditas com muita ênfase, seja pela mudança no tom vocal ou pela pronúncia silábica, foram demarcadas com a escrita em letras maiúsculas.

8 Idade dos participantes à época da segunda fase da pesquisa, 2021.



com qualidade é considerado uma utopia pelo jornalista 2, profissional de 33 anos que trabalha em um jornal impresso, onde é editor de política:

*[...] jornalista como um cara que fica ali horas escrevendo, fuçando com uma apuração longa, que é aquela coisa que é quase utópica, assim, que ele vai ter muito tempo para poder apurar uma coisa. O tempo é um fator sempre muito presente, muito determinante na rotina do jornalista em todos os aspectos. (Jornalista 2, 2021).*

A imagem do jornalista que dispõe de tempo para apurar e investigar os fatos está ancorado no tempo cronológico e estável. Essa determinação a que se refere o jornalista 2 é o reconhecimento de que o tempo é uma norma antecedente para o trabalho jornalístico, desdobrado no imediatismo, valor inerente à profissão que precisa ser gerido pelos jornalistas, constituindo-se como um saber profissional. Gerir o tempo implica adequar o ritmo de trabalho às características do veículo e o jornalista competente consegue cumprir o *deadline*<sup>10</sup>.

Foi assim que a jornalista 3 assimilou a cronamentalidade da profissão. Ela é uma mulher de 24 anos que trabalha com assessoria de imprensa, mas, quando trabalhou em redações de diferentes veículos, entendeu o domínio do tempo como um saber.

*E, no Diário Plus<sup>11</sup>, a dinâmica era totalmente diferente do jornal convencional. A gente tinha LONGOS períodos pra fazer a matéria. Tipo, a gente não tinha que apurar hoje, escrever hoje. A gente tinha uma semana, até mais tempo pra fazer isso. [...] E aí, quando eu passei pra revista, quando eram as matérias*

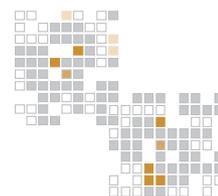
*assim mais convencionais, a gente não tinha um prazo muito bem definido. É, tipo, a gente precisa, a gente quer publicar nesse tal dia, então, tem que entregar ANTES. Quando era matéria só pro site, era assim de boa, porque eram matérias menores, mas quando eram as matérias da revista, atrasei meu deadline... algumas vezes [Risos], porque era, tipo, bem mais difícil. Tipo, era várias matérias de uma vez e a robustez delas eram bem maiores. O que era diferente de quando tava no plantão do jornal, que era tipo de agora, para agora. Então se vira, consegue e tem que conseguir, tem que sair. Às vezes, a gente não gostava, mas saía. Às vezes, a gente tinha certeza que tinha escrito uma merda. (Jornalista 3, 2021).*

A jornalista 3 era uma profissional rica, posição depreendida das repetições “a gente tinha longos períodos”, “a gente tinha uma semana”. Ou seja, ela tinha posse de tempo na redação, o qual potencializava sua força de trabalho, tornando-a uma profissional com reservas, com recursos para negociar seu próprio valor. Sendo assim, sua dramática centrava-se na gestão de si por si mesma. Pode-se observar no relato, a construção de um tipo de linha do tempo para demarcar as formas de gestão do *deadline* em seu passado laboral, onde cada fato demarca uma relação singular com as prescrições para o trabalho a partir das identidades laborais que ela ocupou. Um processo que implicou na extensão da jornada de trabalho: “na hora de escrever, dava aquela travada. Só conseguia escrever, tipo, nos 45 minutos do segundo tempo” (Jornalista 3, 2021).

Assumir o papel de jornalista procrastinadora é a síntese da dramática do uso de si por si mesma, pois se ela tinha tempo, uma rica matéria-prima, os atrasos no cumprimento dos prazos eram o resultado da má gestão de si por si mesma. Essa gestão de si é renormalizada nos plantões: “O que era diferente de quando tava no plantão do jornal,

10 Expressão comum no mundo do jornalismo para indicar o prazo final de entrega de uma reportagem ou conteúdo informativo.

11 Foi uma publicação digital exclusiva para tablets.



que era tipo de agora, para agora. Então se vira, consegue e tem que conseguir, tem que sair. Às vezes, a gente não gostava, mas saía” (Jornalista 3, 2021). Os enunciados “tem que conseguir” e “mas saía” são expressivos da renormalização do trabalho empreendida por ela a partir das pressões advindas da gestão de si pelos outros (representada pelos plantões) e da adequação da sua própria gestão de si por si mesma, sujeita ao imediatismo, à pressa e à factualidade do jornalismo.

A complexidade do sistema produtivo atual faz com que o trabalho seja mais intenso e ultrapasse o tempo regular da jornada, oprimindo o trabalhador<sup>12</sup> (Antunes, 1999). Isso acontece com cerca de 45% dos participantes da pesquisa<sup>13</sup>, que realizavam horas extras com frequência. Essa extensão das jornadas caracteriza a densificação do trabalho (Antunes, 2018) que, no mundo do jornalismo, onde dificilmente há a remuneração das horas extras, termina por se converter em uma apropriação do tempo de vida do trabalhador pelo empregador.

*A carga horária está sendo a principal questão pra mim, pessoalmente, de problemas dentro da redação. Eu começo a trabalhar por volta de duas horas da tarde e fico até o fechamento, que vai até meia-noite. E é bem puxado. Às vezes, é mais puxado ainda, porque preciso ficar mais um tempinho pra planejar o dia seguinte, pra organizar alguma coisa ou pra resolver alguma pendência. Não foram poucas as vezes em que fiquei doze, quatorze horas de jornada. Mas, oficialmente, seriam*

*oito horas. Lá no jornal, os editores, eles não conseguem hora extra, tá? Acaba que eles têm um sistema lá que é chamado cargo de confiança, então, eles não recebem esse adicional que os repórteres recebem por hora a mais trabalhada. (Jornalista 2, 2021).*

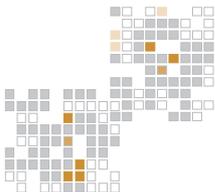
A jornada de trabalho é uma dramática do uso de si por si mesmo e de si pelos outros para este jornalista que tem uma carreira de seis anos em redação, pois além da densificação da jornada, o excedente de trabalho é apropriado pela organização quando ele explica que não há remuneração pela hora extra, ou seja, o sobretrabalho (Antunes, 1999) é absorvido como uma norma antecedente. O uso do termo “cargo de confiança” mascara essa exploração, pois permite construir a seguinte paráfrase: “você é um jornalista confiável, portanto, pode arcar com o peso, o ônus do trabalho como editor”. O “cargo de confiança” cria também uma distinção simbólica e material entre repórteres e editores, sendo os repórteres os operários das notícias e os editores os “confiáveis”, aqueles cujos salários são maiores e por isso devem estar disponíveis para a organização.

Para muitos profissionais, vale a seguinte máxima: “Você só é reconhecido como jornalista se você trabalhar muito e se estiver sempre disponível” (Reimberg, 2015, p. 259). Uma postura que naturaliza a opressão advinda pela apropriação do tempo de vida pelo capitalismo e associa a precarização à própria identidade profissional, a qual passa a ser corroída e despersonalizada pelas estratégias do sistema, como a sobrecarga de trabalho, que, para o jornalista 2, “[...] é algo a se pensar se não é assédio. Uma forma de assédio” (Jornalista 2, 2021).

O assédio moral é definido como uma ação intencional de desqualificação da vítima, que visa discipliná-la, neutralizando seu poder no trabalho e enfraquecendo as defesas emocionais

12 Entre os 131 jovens jornalistas ouvidos na primeira etapa da pesquisa, 39,5% deles trabalham cerca de 40 horas por semana, o que equivaleria a uma média de 8 horas de trabalho diárias numa jornada de segunda a sexta-feira. Mas há profissionais que trabalham cerca de 48 horas por semana oficialmente e estão, principalmente, em redações de veículos jornalísticos.

13



(Heloani, 2004, p. 5). Neste caso, o assédio moral aparece no enunciado do jornalista como efeito de estranhamento, pois é deslocado do campo das relações interpessoais no trabalho para caracterizar a exploração do trabalho como uma forma de violência difusa, pois não é praticada por um sujeito em particular, mas engendrada por um “sistema desumano e cruel” (Heloani, 2004, p. 3).

O trabalho onde essas relações de assédio prevalecem é orientado por valores violentos, como disputa, hierarquização e despersonalização daqueles em postos hierarquicamente inferiores.

*No estágio, como eu trabalhava muito, tipo, muito mesmo. Às vezes, eu me sentia bem esgotado, sabe? Muitas vezes tem pessoas muito inflexíveis. E aí elas não conseguem ver o seu cansaço, não ligam pra isso. Ah, tá cansado? Tem outras que tão a fim de trabalhar. Então, a gente não tem problema nenhum em querer que você descanse, porque tem gente ali que enquanto você estiver descansando, quer trabalhar. E isso, eu não sei se configuraria um... abuso, nem que fosse de grau leve. (Jornalista 1, 2021).*

Ao classificar sua experiência como cansativa e abusiva, o jornalista 1 recorre a um efeito de estranhamento, pois desloca o sentido de abuso do campo jurídico, político e feminista para significar sua vivência no trabalho, caracterizada pelo desrespeito ao seu cansaço. O jovem assume uma posição discursiva de vítima, em oposição à voz impessoal e abstrata dos abusadores, pois os gestores do trabalho não são identificados por nomes ou cargos no discurso do jovem, mas sim por uma corporeidade que os identifica como inflexíveis. Essa voz do outro representa um sistema que abusa psicologicamente do jornalista por meio de falas perversas que desprezam sua singularidade, considerando-o passível de fácil

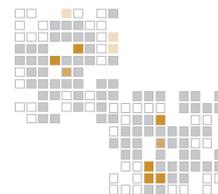
substituição. São falas circulantes no mundo do trabalho, advindas de uma formação discursiva<sup>14</sup> da indústria, da sociedade de massas, de uma memória social do capitalismo, que significam relações de trabalho reificadas (Antunes, 1999) e marcadas pela expressão de domínio do trabalho pelo sistema vigente. Um domínio que não se restringe ao espaço da fábrica ou da organização, mas estende-se para o próprio tempo livre do trabalhador.

*A gente trabalha dois sábados e dois domingos pra folgar um fim de semana cheio. É, isso é um dia de folga, e aí a cada quatro semanas, na quinta, a gente ganha esse brinde. [...] a gente conquista, né, esse nosso mérito, a gente conquista esse fim de semana de folga. E o pior é que isso compromete nossa vida social. (Jornalista 4, 2021).*

A jornalista 4 tem 23 anos, é repórter e, ao explicar como é feita a escala de plantões na redação, ironiza ao comparar o fim de semana de folga a um brinde que a organização lhe concede. É como se o tempo livre não fosse um direito e sim uma concessão da organização, que a recompensa com um fim de semana inteiro de folga. Esse sentido de que a organização concede folgas, em vez de garantir direitos, causa revolta no jornalista 5, profissional de 37 anos que é repórter de cultura em um veículo local.

*Os plantões, na verdade, são uma forma de lhe humilhar, de colocar uma coleira em você. Eles pagam pra você estar lá. Dentro dessa ótica, ele não tem um viés jornalístico, ele tem um viés de apenas lhe massacrar, de afirmar a*

14 Em uma formação discursiva, o sujeito é demandado pela ideologia que a sustenta, pois “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializam uma dada visão de mundo” (Fiorin, 1998, p. 32).



*todo instante o poder da empresa sobre você. De que, tipo assim, ele controla sua vida, que você não tem vida. (Jornalista 5, 2021).*

No enunciado, os verbos “humilhar, massacrar, poder e controlar” integram o campo semântico da subjugação, denotando um excesso de indignação contra a gestão da empresa jornalística, corporificada na imagem de um carrasco. Neste desenho, o jornalista encarnaria a imagem de servo, desprovido do direito de controlar a própria vida. Para o jornalista 5, os plantões são uma forma de a empresa exercer poder sobre o trabalhador. Ele chega a essa conclusão porque se sente subaproveitado, como se estivesse presente na redação apenas como um ato de obediência, deixando seu corpo-si ao dispor da organização. Esse controle soa humilhante porque revela uma forte heterodeterminação sobre sua vida de trabalho, que é cansativa e domesticadora.

Para a jornalista 6, mulher de 30 anos que realiza assessoria de imprensa em uma empresa pública, o plantão implica em sobretrabalho (Antunes, 1999).

*Porque eu sou contratada como 40 horas, trabalho 8 horas por dia de segunda a sexta. Tenho o horário especificado pela minha empresa terceirizada, que é das 7h30 às 17h30. Aí, na sexta feira, a gente trabalha uma hora a menos. Só que a gente tem dois telefones de plantão e, assim e quando o telefone tocar, eu tô aqui seis horas da noite, dez horas da noite. Meu Deus! Dez e meia da noite e eu aqui! Então, assim, a gente não recebe pelos plantões, a empresa não oferece pagamento de hora extra, então é um grande paradoxo. (Jornalista 6, 2021).*

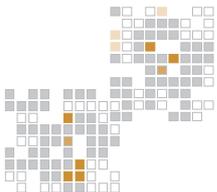
O paradoxo citado pela jornalista está no fato de que seu tempo tem um custo monetário com o qual a empresa não quer arcar. Essa apropriação

caracteriza o sobretrabalho, que a jovem define como uma “violência trabalhista”: “[...] porque, assim, eu incorporei só aos poucos, né, e eu não via ali também o quanto que existiam as violências trabalhistas, né, nesse meu contrato (Jornalista 6, 2021)”. Essa categoria de violência se caracteriza pela subversão das normas para o trabalho relativas à jornada e à remuneração da força de trabalho. O uso do termo violência implica na associação da prática da empresa com uma ação que machuca. Isso nos leva a pensar que no mundo do trabalho flexível, onde as proteções legais dos trabalhadores são rasuradas, a ausência de regulação e fiscalização das relações trabalhistas dá vazão para uma agressividade normativa que pode conduzir ao sofrimento físico ou emocional dos trabalhadores.

#### 4. Considerações finais

Os jovens jornalistas já adentram o mundo do jornalismo sob o signo da precarização e se encontram envoltos pelos nós das contradições laborais, pois ao mesmo tempo em que se deparam com uma gestão de si pelos outros abusiva, materializada pelo controle de seus tempos de trabalho, esses jovens jornalistas orientam a gestão de si por si mesmo de modo a cumprirem os objetivos do trabalho, realizando assim renormalizações que visam efetivar o real da profissão, ou seja, fazer jornalismo. Afinal, como lembram Durrive e Haubricht (2018), cada limitação implica em uma nova iniciativa e assim a atividade humana acontece, pois se a limitação paralisa o humano, ele se vê diante do “invivível”. Portanto, pressupomos que se estes jovens jornalistas seguem exercendo a profissão mesmo sendo submetidos às limitações advindas da gestão de si pelos outros, é porque ainda há margem para a iniciativa, para a renormalização da atividade, para a adequação da gestão de si, ou então o jornalismo se tornaria invivível.

O fato é que mesmo premidos pela lógica abusiva do sistema capitalista, que intensifica e densifica



o trabalho fazendo o tempo – a *commodity* desses trabalhadores – se exaurir de suas reservas produtivas, os jovens jornalistas se sentem satisfeitos com a profissão<sup>15</sup>. Mas essa satisfação não é romântica, pois eles estão conscientes da lógica opressora a qual são submetidos, trata-se de uma constatação necessária para que se tenha alguma mudança no sentido contrário da racionalidade flexível de extração de mais-valia.

Uma transformação que para acontecer só pode se dar a nível coletivo, pois, singularmente, cada jovem jornalista se tornará mais uma vítima da violência sistêmica do capitalismo, quando, na verdade, eles precisam ser protagonistas das mudanças. Para tal, é preciso mostrar que suas singularidades se conectam, que suas dramáticas do uso de si por si mesmo e de si pelos outros espelham um padrão de reprodução do capital e isso deve ser comunicado nos espaços formativos, como a universidade, ou

nos espaços de mobilização, como sindicatos, pois somente se entendendo como grupo, como classe, os jornalistas não serão vítimas.

Do contrário, essa dinâmica se tornará mais exaustiva, podendo resultar em adoecimentos físicos e emocionais a curto prazo ou ainda em uma alteração a longo prazo do próprio estatuto profissional do jornalismo, fazendo dele uma profissão de passagem, intermediária, e não mais uma carreira para a vida toda. O mundo do trabalho do jornalismo seria assim ocupado apenas por jovens que suportariam as consequências da precarização até adquirirem maturidade. Na lógica flexível, a profissão de jornalista seria um estágio formativo e de experimentação para os jovens que, ao atingirem a maturidade, partiriam rumo a outras profissões em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

## 5. Referências

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

\_\_\_\_\_. *O privilégio da servidão*. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ERNST-PEREIRA, Aracy; MUTTI, Regina Maria Varini. O Analista de Discurso em Formação: apontamentos à prática analítica. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18486>. Acesso em: 4 mar. 2022.

FIGARO, Roseli. Atividade de comunicação e trabalho. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 107-145, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/VtzqRPRb5LJWGwScR8ZfGvC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jan. 2024.

FIGARO, Roseli et al. *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. São Paulo: ECA/USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

FIORIN, José. Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

HELOANI, Roberto. Assédio moral – um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho. *RAE-eletrônica*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raeel/a/mDFpdP>

[cL7gR3KJvhbtyr4Zw/?format=pdf&lang=pt](https://doi.org/10.55738/alaic.v23i46.1106). Acesso em: 1 mar. 2022.

LIMA, Samuel Pereira et al. *Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da economia política*. Vol I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. *Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PELLETIER, Denis. Sorienter dans un monde incertain. In: PELLETIER, D. (Ed.). *Pour une approche orientante de l'école québécoise*. Québec, Canadá: 2001. p. 7-23.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional*. V.2. Florianópolis: Insular, 2005.

Artigo recebido em 17/01/2024 e aceito em 14/09/2024.

15 Dos 131 jovens jornalistas que responderam ao questionário da pesquisa, 75,2% declararam estar satisfeitos com o trabalho.

